

## Análise das Perspectivas Estruturais e Funcionais e Propostas para Ensino Clínico a Realizar nos Hospitais Afiliados\*

MARIA DO CÉU SOARES MACHADO<sup>1</sup>

Começo por felicitar o Professor Martins e Silva pela organização desta reunião que tem decorrido anualmente, em que são convidados todos os docentes da Faculdade de Medicina de Lisboa (FML) e todos os tutores dos hospitais afiliados, e que nos tem permitido amadurecer o projecto do que se poderá chamar Centro Académico da FML.

O Centro seria constituído pelo hospital nuclear e pelos hospitais associados ou afiliados. Não me parece que a nomenclatura seja indiferente. Associar é irmanar, agrupar com características uniformes. Afiliar é adoptar, perfilhar. Filial é uma sucursal. Parece preferível a afiliação à FML do que a associação ao Hospital Santa Maria (HSM) que é o hospital nuclear com características próprias de um hospital universitário.

A história do Hospital Fernando Fonseca (HFF) como afiliado é curta. Foi em 1997 que na FML se falou pela primeira vez no alargamento do ensino a outros hospitais. A proposta do Professor Lobo Antunes foi baseada na sua experiência americana e provavelmente na certeza de que o número crescente de alunos seria incomportável para o HSM.

O protocolo entre a FML e o HFF foi assinado em Janeiro de 1998 e a colaboração começou nesse ano lectivo com a cadeira de Introdução à Clínica e posteriormente de Pediatria II. Distribuídos pelos Serviços de Medicina, Cirurgia, Pediatria, Cardiologia, Gastroenterologia, Infecçiology, Neurologia e Psiquiatria, tivemos 50 alunos nos dois primeiros anos, 60 nos dois seguintes e 85 no último, perfazendo um total de 309 alunos. Em Pediatria II tivemos 25 alunos.

Em 2000/2001 com o início do 6º ano profissionalizante (estágio clínico do 6º ano) foram colocados em Medicina, Cirurgia, Pediatria, Ginecologia/Obstetrícia ou em estágios optativos de Gastroenterologia, Ortopedia, Otorrinolaringologia, Oftalmologia e Oncologia, cerca de 100 alunos/ano.

Isto significa que 200 alunos recebem aulas ou fazem

estágio clínico no HFF em cada ano lectivo. Posso dizer que estamos satisfeitos e orgulhosos até porque *feed-back* é excelente: os alunos gostam de estar no nosso hospital.

Hoje foi-me pedido que, como coordenadora do ensino pré-graduado do HFF, fizesse a análise das perspectivas estruturais e funcionais e propostas para ensino clínico a realizar nos hospitais afiliados (Haf).

Pensei que falando nesta sessão em terceiro lugar depois do Dr. João Gíria em nome do Hospital Garcia de Orta (HGO) e do Dr. Lacerda Nobre do Hospital Santa Marta, já pouco restaria para dizer quanto à experiência por certo semelhante nestes três hospitais.

Decidi então usar uma estratégia comum em gestão: a análise SWOT-Strength (*forças*), Weakness (*fraquezas*), Opportunity (*oportunidades*), Threat (*ameaças*). Procurei saber a impressão dos directores dos serviços que colaboram no ensino e pedi também a opinião dos alunos.

Quanto às *forças*, são múltiplas e por demais conhecidas: a imagem e o prestígio que o hospital adquire: o estímulo que é ter gente jovem, futuros médicos, interessados e, como todos reconhecemos, muito bem preparados que são o motor do progresso assistencial e científico.

Os alunos acham que são *forças*, uma maior interacção entre os profissionais, menor hierarquia, menos *stress*, mais intervenção, menos "escravatura", embora mais trabalho individual. Provavelmente, vêm no Hospital Nuclear ou na Faculdade, o professor ou o assistente e no hospital afiliado vêm o médico que eles também serão brevemente.

Quanto às *fraquezas*, para os Haf é seguramente a sobrecarga de trabalho. No meu, exemplo por enquanto único dos hospitais PPP (parceria público-privado) e nos recentíssimos SA, fazem-se contas ao número de consultas e de altas, ao tempo e dinheiro desperdiçados, numa palavra, à relação custo-benefício. Não nos é permitido reduzir actividade e enquanto os alunos do 6º ano podem ser considerados como internos do internato geral e ser uma mais-valia desde que devidamente orientados e tutorados, os do 3º ou do 5º anos exigem algum tempo em exclusividade.

---

\* Comunicação apresentada no Simpósio sobre "Desenvolvimento do e-learning na F.M.L.", integrado no XI Encontro da F.M.L., 2003.

<sup>1</sup> Professora Auxiliar da Clínica Universitária de Pediatria da F.M.L. Directora do Serviço de Pediatria do Hospital Fernando da Fonseca (Amadora-Sintra).

Recebido e aceite para publicação: 6 de Janeiro de 2004.

Outra *fraqueza* pode ser a discrepância entre serviços, se a houver. O ensino das Ciências da Saúde deve ser ministrado em serviços de excelência. É uma *força* ser uma instituição afiliada desde que seja por mérito conquistado e mantido. Para isso é necessário que a FML seja criteriosa nas suas escolhas e exija que os hospitais/ /serviços e tutores mantenham a FML informada das suas actividades científica e assistencial.

Proponho a organização de um inquérito simples dirigido a cada serviço por intermédio do coordenador do ensino pré-graduado de cada hospital e o pedido de resumo do *curriculum vitae* a cada tutor. Os hospitais (nuclear e afiliados) teriam de informar o número de camas, especialidades, áreas de excelência e elaborar anualmente relatório dos resultados assistenciais e científicos.

*Fraqueza* é ainda o pequeno número de alunos que escolhem os estágios de opção nos Haf, o que é explicado por haver muitas vagas no hospital nuclear e alguma pressão da parte do Gabinete de Gestão Curricular para que estas sejam preenchidas primeiro.

*Fraqueza* é ainda a lista da distribuição dos alunos ser enviada por fax por vezes na véspera da colocação. Deveria ser efectuada com maior antecedência, de preferência no início do ano lectivo, de modo a que os serviços se pudessem organizar.

Para os alunos as *fraquezas* dos Haf são a distância e o afastamento da própria Faculdade. Para o HGO ou HFF o único transporte possível é o automóvel, o que causa dificuldades óbvias.

Quanto a sentirem o distanciamento da Faculdade, é queixa recente porque no primeiro ano deste tipo de estágio, quando lhes foram propostas sessões teóricas, conseguiram, com a justificação da distância, que não se realizassem. Agora sentem um certo saudosismo da figura paterna. Talvez a solução seja deixar os próprios alunos propor as ligações que pretendem.

Falam também em falta de comunicação, o que é fictício. Tanto o Professor Pereirinha, grande responsável por toda a organização como a Dra. Ana Paula Pereira são de uma constante disponibilidade.

Outro aspecto que referem é a avaliação, que é tanto mais heterogénea quanto maior for o número de serviços envolvidos. Têm razão. Proponho, então, reuniões entre os directores da mesma área que combinassem estratégias semelhantes. Não é fácil mas não é impossível.

Quanto às *oportunidades*, são inúmeras para os hospitais afiliados. Já falei como o ensino pré graduado, é factor de progresso e actualização. Mas deve haver outras.

Os estudos multicêntricos, por exemplo, poderiam ser preferencialmente programados com os serviços afiliados, o que resultaria numa enorme massa crítica e no melhor conhecimento entre os serviços. Também a colaboração

com os departamentos de Ciências Básicas da FML seria útil para a investigação nos Haf.

Alguns recursos da FML poderiam ser alargados como o acesso em *full-text* à versão electrónica das revistas científicas, o cartão de acesso à FML e ao HSM, a facilidade em frequentar os mestrados ou em desenvolver projectos de doutoramento.

Deveria também ser programada uma visita anual a cada um dos Haf pelo Director da FML e Presidentes do Conselho Científico e Pedagógico com a finalidade conhecerem os problemas específicos de cada instituição. Nessa visita teria lugar uma reunião com os Directores dos Serviços, tutores e com a própria administração.

Falta falar nas *ameaças*. Não se deve terminar pela negativa mas em gestão as *ameaças* são tomadas como forças, pois permitem alterar e melhorar.

Não está ainda decidido o que chamar aos que ensinam nos hospitais afiliados. A proposta de docente livre não é bem aceite pois significa apenas que é livre de dar aulas sem remuneração. Tutores ou assistentes clínicos serão melhores alternativas para os que colaboram no estágio do 6º ano. Falta ainda decidir o que chamar aos que colaboram noutras disciplinas.

E é ainda *ameaça* a não remuneração. Como dizemos todos os anos, o nosso entusiasmo não depende de tostões ou cêntimos. Mas em cada ano que passa se volta a falar no assunto. Deve haver da parte da Faculdade o interesse e o cuidado nalguma forma de compensação não individual mas para o serviço ou hospital. E agora com a actualização das propinas, resolução com a qual concordamos sem restrições, esperamos que pelo menos as propinas dos alunos do 6º ano compensem de algum modo o esforço docente dos Haf.

O número de estudantes tem aumentado progressivamente nos últimos anos e há uma certa pressão sobre os serviços para que recebam mais alunos. Não será difícil fazer um cálculo por aluno/semana e atribuir o quantitativo ao hospital onde ele foi colocado. Os colaboradores dos Haf continuam tranquilamente à espera que a FML se preocupe com a justiça desta pretensão.

Em resumo, fazemos as seguintes propostas:

1. Elaboração de um livro com as características de todos os hospitais afiliados, dos serviços e dos tutores;
2. Oficialização imediata do nome "tutor" ou "assistente clínico";
3. Estabelecimento de protocolos de investigação entre departamentos básicos e clínicos do Hospital nuclear com os Haf;
4. Discussão alargada com os coordenadores dos hospitais afiliados sobre o destino da verba das propinas;
5. Revisão do contrato/protocolo entre a FML e cada Haf com base nas actuais propostas.